

Comentário mensal Jan/2026

Joule Apadma FIM

O início de 2026 marcou uma inflexão relevante no comportamento dos fluxos globais. Após anos de concentração quase absoluta em ativos americanos e, em menor grau, chineses, os investidores passaram a buscar alternativas fora dos polos tradicionais de crescimento. O movimento não decorreu de um evento isolado, mas da sobreposição de fragilidades institucionais, fiscais e monetárias nos centros do sistema financeiro internacional.

O mundo muda de direção

Nos Estados Unidos, a combinação de **déficits persistentes, ruídos políticos e uma política monetária progressivamente mais defensiva** começou a corroer a percepção de excepcionalismo. Diante de sinais de desaceleração cíclica, o Federal Reserve passou a reagir mais do que a conduzir o ciclo. A elevação estrutural dos juros longos, associada à expansão fiscal e à incerteza institucional, reduziu o apelo relativo dos Treasuries como ativo livre de risco.

A percepção crescente de **“debasement” do dólar** estimulou a diversificação cambial e a busca por ativos reais. A valorização consistente do ouro e da prata funcionou como termômetro dessa desconfiança. A redução da exposição a ativos americanos ocorreu de forma gradual, por meio de realocações marginais contínuas, e não por movimentos abruptos.

Na China, a trajetória foi distinta, mas convergente no efeito final. Intervenções regulatórias voltadas ao controle da alavancagem e do financiamento de margem, somadas a um ambiente de baixo dinamismo e confiança fragilizada, provocaram saídas relevantes de capital das bolsas locais. O choque regulatório de janeiro apenas acelerou um processo já em curso. Parte desse capital migrou para instrumentos de proteção, como o ouro, e parte passou a buscar oportunidades em outros mercados emergentes.

A combinação do **enfraquecimento relativo do centro financeiro americano com a perda de atratividade do mercado chinês** criou o ambiente propício para uma rotação global em direção aos emergentes, especialmente fora do eixo China–EUA. Janeiro de 2026 registrou entradas recordes em ETFs da classe, superiores a **US\$ 20 bilhões**, configurando o melhor início de ano desde 2013.

Os dados de performance tornaram essa mudança inequívoca. Enquanto o **S&P 500 avançou cerca de 1%**, os emergentes exibiram forte descolamento. **A Colômbia liderou com alta próxima a 24% em dólares, o Brasil avançou 18% via EWZ e cerca de 16% no Ibovespa em dólar, e o MSCI Emerging Markets subiu 8,8%, no melhor início desde 2012.** Na Ásia, mercados como a **Coreia do Sul (+26%)** também apresentaram movimentos expressivos, impulsionados pelo ciclo de semicondutores e inteligência artificial.

Esse contraste conferiu materialidade à tese de realocação global. Não se tratou de um episódio pontual, mas da evidência de um padrão: **pequenos deslocamentos de capital nos mercados desenvolvidos produzem impactos desproporcionais na periferia financeira.**

O Brasil beneficiou-se diretamente dessa dinâmica. Com participação relevante nos índices de emergentes e elevada sensibilidade a fluxos internacionais, o país passou a funcionar como um **“high beta” da rotação global**, amplificando os efeitos sobre preços e liquidez.

A matemática do processo é simples. Em um universo de fundos globais com ativos sob gestão estimados em mais de **US\$ 15 trilhões**, um aumento marginal de apenas **1 ponto percentual** na exposição a emergentes representa cerca de **US\$ 150 bilhões** em potencial de fluxo. Parte relevante desse movimento ocorre de forma automática, via indexação, o que confere persistência ao processo e reduz sua dependência de narrativas de curto prazo, inclusive do ruído eleitoral doméstico.

Esse ciclo encontrou mercados pouco preparados para absorvê-lo de forma gradual. Após anos de desalocação estrutural, retração do investidor local e baixo interesse internacional, muitos emergentes tornaram-se rasos, com pouca profundidade e baixo nível de arbitragem. Nessas condições, a reversão de uxo não ajusta preços aos poucos. **Redefine patamares.**

A assimetria resultante não nasce da previsão precisa do cenário global, mas da combinação entre **valuations comprimidos, oferta limitada de ativos líquidos e mudanças graduais na percepção de risco.** Quando o capital retorna, encontra uma “porta pequena”, e o ajuste tende a ser abrupto.

O enfraquecimento relativo do dólar funciona como catalisador adicional. Moedas mais fortes reduzem pressões in acionárias, ampliam o espaço para flexibilização monetária e reforçam a atratividade dos ativos locais em termos reais, conectando diretamente a dinâmica global aos fundamentos domésticos.

Em síntese, o início de 2026 consolidou um ambiente em que o mundo deixou de representar um vetor de risco assimétrico negativo para os emergentes e passou, em muitos aspectos, a funcionar como **fonte de suporte estrutural.** Esses mercados deixaram de ser apenas alternativas táticas e voltaram a ocupar um papel estratégico na composição dos portfólios globais.

O Brasil com bons fundamentos em ano conturbado

Na nossa última carta, destacamos um ponto central: existem momentos raros em que os vetores domésticos se alinham de forma su cientemente clara para deslocar a probabilidade dos retornos. **Inflação em desaceleração, juros em queda e atividade resiliente** não são promessas de alta, mas condições que historicamente criaram ambientes favoráveis para a Bolsa brasileira. À época, tratava-se de uma leitura probabilística. Em 2026, essa leitura começou a ganhar materialidade, agora reforçada por um vetor externo positivo.

No campo fiscal e político, o cenário permanece imperfeito, porém menos explosivo do que em ciclos anteriores. A consolidação das contas públicas avança de forma gradual e fragmentada, enquanto o ambiente pré-eleitoral começa a influenciar expectativas. A experiência recente mostra que o mercado tende a antecipar o pior e recalibrar quando o cenário se de ne. **A política não precisa melhorar de forma estrutural para destravar valor; basta não piorar.**

No plano macroeconômico, a convergência in acionária tornou-se mais consistente, refletindo os efeitos acumulados de uma política monetária restritiva e da normalização de preços globais. O debate deixou de ser sobre novos apertos e passou a girar em torno do ritmo da flexibilização. Essa mudança altera o custo de capital implícito e reabre espaço para ativos mais sensíveis a juros.

A atividade econômica mostrou-se mais resiliente do que o consenso previa. Mesmo após anos de taxas elevadas, o mercado de trabalho não apresentou deterioração abrupta e setores dependentes de crédito começaram a estabilizar. Não há exuberância, mas há funcionalidade suficiente para sustentar revisões graduais de expectativa.

Esse pano de fundo encontrou um mercado que operava com **prêmio de risco elevado e múltiplos comprimidos**. A entrada concentrada de capital estrangeiro no início do ano, superior a **R\$ 30 bilhões em poucas semanas**, catalisou uma reprecificação relevante nas ações de maior liquidez. Vale, Itaú, Petrobras e B3 lideraram o movimento, principalmente por expansão de múltiplos. O Ibovespa retornou à sua média histórica de P/E, reduzindo parte da assimetria inicial nesses papéis.

Aqui surge a nuance necessária. O rali nas large caps trouxe normalização, mas também **compressão de prêmio**. Em diversos casos, o desconto histórico frente a pares internacionais praticamente desapareceu. A relação risco-retorno permanece atrativa, porém menos distorcida do que no ponto de partida.

Em contraste, o segmento de menor capitalização segue relativamente negligenciado. A relação **SMLL/IBOV permanece próxima às mínimas desde 2009**, e o múltiplo médio das small caps negocia bem abaixo do Ibovespa, uma inversão pouco usual em perspectiva histórica. Parte dessa distorção decorre da concentração do fluxo internacional em papéis de maior liquidez; parte reflete a retração estrutural do investidor local nos últimos anos.

Essa divergência cria um eixo adicional de assimetria no mercado doméstico. Encontramos empresas negociando com **taxas internas de retorno implícitas superiores a 17% ao ano**, múltiplos baixos, crescimento consistente de lucros e menor dependência do ciclo macro. Não se trata de uma tese exclusiva em small caps, mas de reconhecer que, hoje, a distorção relativa está mais evidente nesse segmento.

Em síntese, 2026 consolida um ambiente em que o doméstico volta a importar. **A inflação desacelera, os juros iniciam trajetória de queda e a atividade resiste**, enquanto as empresas chegam mais maduras após anos de disciplina financeira.

Parte da assimetria já foi capturada nas large caps; outra parte permanece menos visível, sobretudo onde o fluxo ainda não chegou. É nesse espaço, entre a normalização e a distorção residual, que seguimos enxergando as oportunidades mais interessantes do ciclo atual.

Onde o resultado se consolida

O retorno do fundo foi distribuído entre diferentes setores e motores de resultado, evidenciando que a assimetria inicial estava presente em um conjunto amplo de empresas, e não concentrada em uma única tese. A performance decorreu menos de uma leitura antecipada de inflexões macro e mais da combinação entre **preço de entrada, qualidade operacional e disciplina na alocação**.

No setor de incorporação imobiliária, por exemplo, a reprecificação refletiu mais do que fluxo. Moura Dubeux iniciou 2025 negociando a cerca de **2–3x lucro**, com valor de mercado próximo a **R\$ 850 milhões**. As ações avançaram aproximadamente 167%, impulsionadas por lucro superior a **R\$ 420 milhões** e dividendos de **R\$ 350 milhões**, equivalentes a **41% de dividend yield** sobre o preço inicial. Mesmo após a valorização expressiva, a companhia segue negociando a **4,7x P/E estimado para 2027 e 4x para 2028**, sustentada por forte geração de caixa e projetos com elevada rentabilidade.

A Trisul apresentou dinâmica semelhante. As ações avançaram cerca de **120%** em 2025 e a companhia distribuiu dividendos equivalentes a **30% do valor de mercado** no início do período. A execução operacional confirmou um negócio mais robusto do que o preço inicialmente indicava, com balanço ajustado e disciplina na alocação de capital.

No caso da PRIO, a dinâmica foi distinta, mas igualmente ancorada em fundamentos. Após um período marcado por revisões operacionais, a companhia entra em um ciclo de expansão estrutural. A entrada em produção de Wahoo e a captura de sinergias em Peregrino devem elevar a produção para patamares próximos a **185 mil boed em 2026**, com estabilização ao redor de 200 mil boed nos períodos subsequentes. Mesmo considerando um petróleo entre **US\$ 60 e US\$ 65**, estimamos um **FCFE yield potencial entre 30% e 40% em 2026–27**, muito acima do observado em pares globais. A alavancagem, por sua vez, tende a convergir para **1,0x dívida líquida/EBITDA**, abrindo espaço relevante para aumento da remuneração ao acionista.

A Micron adiciona uma camada internacional ao portfólio, conectando-o ao ciclo global de inteligência artificial e data centers. Diferentemente de ciclos anteriores marcados por excesso de oferta, a dinâmica atual é sustentada por **CAPEX estrutural das grandes plataformas de tecnologia**, que projetam investimentos próximos a **US\$ 600 bilhões em 2026**, ante cerca de US\$ 350 bilhões em 2025. A companhia combina expansão relevante de receita, ganho de participação em HBM e disciplina de capital, negociando atualmente a aproximadamente **9x P/E 2026**, múltiplo que, em nossa visão, não captura adequadamente a transformação estrutural em curso.

Outras posições seguem lógica semelhante. A Movida apresentou melhora consistente de margens, controle de depreciação e desalavancagem, com expectativa de expansão do spread de ROIC para **4,5 a 6,0 p.p.**, ainda não refletida nos múltiplos. A Uni que opera com margens EBITDA próximas a 50%, negociando a **3,3x EV/EBITDA 2026**, contra **7 a 8x** em transações privadas comparáveis, com potencial de valorização superior a **100%**.

O elemento comum entre essas posições é claro: **negócios que conhecemos com profundidade, adquiridos a preços que contrastavam visivelmente com sua capacidade de geração de caixa**. Em vários casos, as taxas internas de retorno implícitas superavam com folga alternativas indexadas à inflação, mesmo sob premissas conservadoras.

Importante destacar que o portfólio não está estruturado em torno de apostas binárias ou dependentes de cenários perfeitos. A preferência tem sido por empresas que já demonstraram resiliência em ambientes adversos. A sobrevivência em um ciclo prolongado de custo de capital elevado funcionou como filtro natural de qualidade. Comprar após esse processo reduz o risco estrutural e desloca a assimetria a favor do investidor.

A gestão de risco, nesse contexto, não se limita à diversificação setorial, mas à **calibragem contínua do tamanho das posições**. Em um mercado que reprecificou rapidamente parte das large caps, reduzimos exposição onde a assimetria diminuiu e reforçamos onde a distorção relativa permanece mais evidente. O objetivo não é maximizar volatilidade, mas **otimizar convexidade ao longo do ciclo**.

O resultado observado até aqui reflete essa combinação entre disciplina de preço e execução operacional. A performance não decorreu da previsão exata de inflexões macro, mas da constatação de que o custo de equity implícito em diversos ativos era incompatível com sua capacidade de geração de caixa.

O ciclo segue em formação

O ciclo atual ainda está em construção. Parte relevante da assimetria inicial foi capturada, sobretudo nos nomes de maior liquidez. Outra parte, especialmente em segmentos menos explorados, permanece menos evidente. Em um ambiente no qual o fluxo externo adiciona suporte e o cenário doméstico se reorganiza gradualmente, o portfólio segue ancorado na mesma premissa que orientou nossas decisões no ponto de maior ceticismo: **o retorno sustentável nasce da distância entre preço e valor, e não da convicção sobre o próximo movimento do mercado**.

Quando o consenso enxergar, grande parte do movimento já terá ocorrido. Enquanto isso, seguimos onde sempre estivemos: próximos das empresas, dos fundamentos e da paciência necessária para deixar o tempo trabalhar a nosso favor.

São Paulo, 13 de Fevereiro de 2026.



José Luiz Junqueira

Gestor de Renda Variável e CIO da Joule Asset Management

joule Asset Management

Relatório mensal

Fechamento Jan/2026

Cota atualizada em: 30/01/2026
Divulgado em: 02/02/2026

Joule Apadma FIM

Objetivo e Política de Investimento

Joule Apadma FIM é um fundo multimercado com estratégia de *trend following*, busca capturar ganhos através da análise de *momentum* de curto prazo (tendência de continuidade de movimentos). Investe em ativos financeiros de diversas classes como renda variável (ações e ETFs), juros e moedas no Brasil e em mercados globais (*offshore*).

O principal objetivo do fundo é gerar retornos consistentes acima do CDI (*benchmark*) em qualquer prazo, descorrelacionados com índices de mercados, sem exposição direcional e mantendo a volatilidade esperada entre 1% e 4% ao ano. A política de investimento do Joule Apadma FIM é não-direcional, gerido a partir da disciplina e comprovada experiência do gestor.

O Fundo Joule Apadma FIM representa uma boa alternativa de investimento de curto, médio ou longo prazos.

Público-alvo

Investidores de forma geral que buscam retornos consistentes acima do CDI, descorrelacionados de índices de mercados, e com baixo risco/volatilidade.

Características do Fundo

- Data de Início: 27/12/2018
- Taxa de Administração: 2% ao ano sobre o patrimônio líquido
- Taxa de Performance: 20% da rentabilidade acima do CDI (com linha d'água)
- Taxa de Ingresso ou Saída: Não há
- Aplicação Mínima: R\$ 1.000,00
- Movimentação Mínima: R\$ 500,00
- Prazo de Resgate: Financeiro D+3 (cotização D+2)
- Prazo de Carência: Não há
- Tributação: Alíquota de 22,5% a 15% sobre o ganho líquido de acordo com o prazo, retido na fonte no ato do resgate, já deduzidas as taxas de administração e performance
- Classe / Tipo ANBIMA: Multimercados / Multimercados Livre

Administrador:
SINGULARE CORRETORA DE
TÍTULOS E VALORES
MOBILIÁRIOS S.A.

Gestão:
Joule Asset Management

Dados para investimento:
Favorecido: JOULE APADMA FIM
CNPJ: 30.282.464/0001-07
BANCO SINGULARE (363)
Agência: 0001
Conta Corrente: 0042805-4

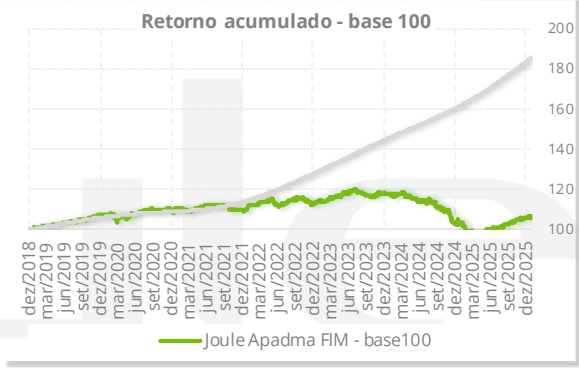
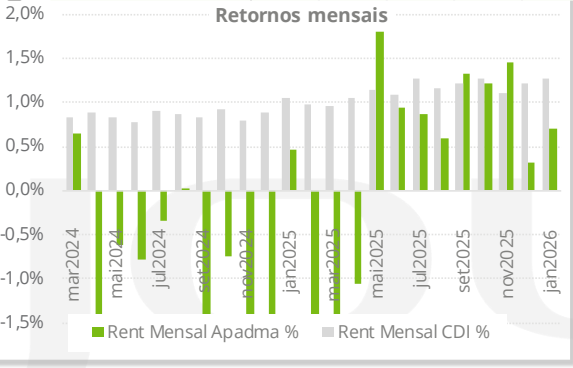
Para acessar o sumário da remuneração de prestadores de serviço clique [aqui](#).

Desempenho Histórico Joule Apadma FIM

Joule Apadma FIM										
	Data:	Valor da cota	Pat. Líq. - R\$	Var. Mês	Var. Ano	03 meses	06 meses	12 meses	24 meses	Desde o Início
Joule Apadma FIM	30/01/2026	1.067,45652242	9.857.788,56	0,7	0,7	2,4	5,9	3,2	-9,1	6,7
CDI	30/01/2026	1975,61	n.a.	1,3	1,3	3,7	7,5	14,7	27,3	85,6
% do CDI				55,87	55,87	65,25	77,93	21,78	-33,28	7,88
Cota mais recente: 30/01/2026										

Histórico de Rentabilidade:

	retorno %	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	No ano
2018	Joule Apadma FIM												0,21 *	0,21
	CDI												0,02 *	0,02
2019	Joule Apadma FIM	0,88	0,78	0,29	0,44	0,38	0,28	0,55	0,71	0,13	0,98	0,81	1,03	7,49
	CDI	0,57	0,49	0,47	0,52	0,54	0,47	0,57	0,50	0,46	0,48	0,38	0,36	5,97
2020	Joule Apadma FIM	-0,26	-0,43	-1,03	0,47	0,71	0,50	1,53	0,46	-0,27	-0,32	0,88	0,03	2,28
	CDI	0,39	0,29	0,34	0,28	0,24	0,21	0,19	0,16	0,16	0,16	0,15	0,16	2,77
2021	Joule Apadma FIM	0,12	-0,23	-0,73	0,87	1,19	0,79	-0,12	-0,17	-0,59	-1,70	0,33	0,11	-0,17
	CDI	0,16	0,13	0,20	0,21	0,27	0,31	0,36	0,43	0,44	0,49	0,59	0,73	4,40
2022	Joule Apadma FIM	1,76	0,38	1,39	0,26	0,76	-2,24	-0,18	2,18	0,19	0,68	-1,31	-0,81	3,00
	CDI	0,77	0,76	0,93	0,83	1,03	1,02	1,03	1,17	1,07	1,02	1,02	1,07	12,37
2023	Joule Apadma FIM	1,33	-0,59	1,45	0,93	1,11	0,33	1,34	-1,24	-1,07	-1,01	1,84	0,02	4,44
	CDI	1,17	0,92	1,17	0,92	1,12	1,07	1,07	1,14	0,97	1,00	0,92	0,85	13,05
2024	Joule Apadma FIM	-0,46	-0,22	0,65	-1,85	-0,62	-0,79	-0,34	0,03	-2,82	-0,74	-1,46	-5,13	-13,02
	CDI	1,01	0,80	0,83	0,89	0,83	0,79	0,91	0,87	0,84	0,93	0,79	0,89	10,87
25	Joule Apadma FIM	0,47	-3,61	-1,47	-1,05	2,02	0,95	0,87	0,59	1,33	1,22	1,45	0,33	3,00



Risco

O Joule Apadma FIM busca manter baixa volatilidade, *target* do fundo é de 3% a.a. não ultrapassando 5% a.a.

Risco	Apadma	CDI
Volatilidade anual - desde o início	3,54%	0,28%
Volatilidade anual - últ. 3 meses	2,70%	0,36%
Sharpe - desde o início	-2,31	n.a.
Sharpe - últimos 3 meses	-2,09	n.a.
Maior retorno mensal	2,18%	1,28%
Menor retorno mensal	-5,13%	0,02%
Meses positivos	54	86
Meses negativos	32	0
Meses acima do CDI %	31,4%	n.a.
Meses abaixo do CDI %	68,6%	

Volatilidade 3 meses - anualizada a partir de dados diários



Patrimônio Líquido

Apadma	
Patrimônio líquido	9.857.788,56
Patrimônio líquido médio 12 meses	9.758.581,62
Atualizado em:	30/01/2026

Joule Asset Management

Rua Iguatemi, 192, cj 163

01451-010 . Itaim Bibi . SP

Atendimento: 11 3045 1647 ou contato@jouleinvest.com.br

www.jouleinvest.com.br



Importante:

Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros.

A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos.

O investimento em Fundo não é garantido pelo Fundo Garantidor de Crédito, FGC.

A Joule Asset Management não intermedia, comercializa ou distribui quaisquer quotas de clubes, fundos ou qualquer outro ativo financeiro.

Informamos que os sócios da Joule Asset Management possuem investimentos nos fundos geridos pela empresa.

Todas as informações contidas nesse relatório têm caráter meramente informativo e, portanto, não devem ser consideradas ofertas de venda ou compra e cotas do fundo ou qualquer título ou valor mobiliário. As projeções, opiniões e valores expressos nesse relatório foram elaboradas no momento da sua publicação e estão sujeitas a alteração sem aviso prévio.

É recomendada a leitura detalhada do Regulamento do fundo que pode ser obtido em nosso website: www.jouleinvest.com.br.

Informações sobre Distribuição e Administração poderão ser obtidas junto à sua Administração e Distribuidora: Singulare Corretora de Títulos e Valores Mobiliários S.A.; Av. Brigadeiro Faria Lima, 1,355 – 5º andar, São Paulo – SP. Tel/Fax: 0800 729 7272. Website: www.singulare.com.br